

ETNOGRAFIA, ETNOLOGIA & TEORIA ANTROPOLÓGICA

ETHNOGRAPHY, ETHNOLOGY & ANTHROPOLOGICAL THEORY

Alicia Ferreira Gonçalves*

Resumo

O que se entende por etnografia? Etnografia se define como um método de pesquisa? Como um modo de apreender o objeto de estudo? Qual é a relação entre etnografia e antropologia? Dan Sperber afirma que a antropologia é teórica e explicativa, enquanto a etnografia é interpretativa. Para Jacobson, a etnografia pode ser entendida como sendo constituída por um argumento e classificada de acordo com o marco teórico-conceitual subjacente ao exercício etnográfico, como por exemplo: etnografia estrutural, etnografia organizacional e etnografia simbólica. Marcus e Cushman afirmam que o trabalho de campo fixado dentro de um texto marca o trabalho como etnográfico. Nessa perspectiva, este ensaio teórico descreve interfaces entre etnografia, etnologia e teoria antropológica a partir das perspectivas de Bronislaw Malinovsky, Claude-Lévi-Strauss e Clifford Geertz. A linha argumentativa desenvolvida ao longo do texto demonstra como o fazer etnográfico está informado por um marco teórico-conceitual que gira em torno de três conceitos: função, estrutura e cultura, implicando, desse modo, em três concepções distintas do exercício etnográfico. Nas considerações finais, o ensaio sinaliza algumas questões contemporâneas relevantes para o exercício etnográfico no século XXI marcado ainda mais e profundamente por mediadores não discursivos transfigurados de conflitos étnicos e religiosos em países do Norte e Sul. Daí a importância de revisitar autores clássicos e pensar, sempre e novamente, nas relações de poder historicamente construídas entre etnografia, etnologia, teoria antropológica e povos etnografados.

Palavras Chave: Etnografia. Etnologia. Teoria Antropológica. Relações de Poder

Abstract

What about ethnography? Can we define it as a research method or as a way to understand a study subject? What is the relation between ethnography and anthropology? Dan Sperber (1992) says that anthropology is theoretical and it searches to explain, although ethnography is interpretative. To Jakobson (1991) ethnography can be understood as constituting by an argument, and classified according to a theoretical-

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Departamento de Ciências Sociais, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Sub-programa do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PRODEMA/PPGA/UFPB), Brasil. E-mail: aliciafg1@gmail.com

conceptual explanation that is proper to ethnographic exercise, for example, structural ethnography, organization ethnography, and symbolic ethnography. Marcus & Cushman (1982) say that when you have a fieldwork fixed in a text, than the work is ethnographic. In this perspective, this theoretical essay describes interfaces between ethnography, ethnology and anthropological theory, based on Bronislaw Malinowski, Claude-Lévy-Strauss, and Clifford Geertz. The argumentation proposed at this article demonstrates how ethnography is based to three concepts: function, structure and culture that are related at three different conceptions of the ethnographic exercise. At the end, the essay indicates some relevant questions to the ethnographic exercise at XXI century, deeply touched by no discursive mediators involved in conflicts among ethnography, ethnology, anthropological theory and ethno graphed people.

Keywords: Ethnography. Ethnology. Anthropological Theory. Power Relations.

“Recusa de si mesmo e a identificação com o outro, o estudo das sociedades primitivas, permitiria buscar a sociedade na natureza, para meditar sobre a natureza da sociedade.”

(Jean-Jacques Rousseau)

Introdução

Podemos considerar que a pesquisa de campo na antropologia teve seu início ao final do século XIX, e alguns heróis desbravadores nos servem de referência, a exemplo de Spencer e Gillen que realizaram expedição à Austrália Central (1875 a 1912) colhendo e registrando material de campo diretamente com populações nativas. O material etnográfico colhido (registros fotográficos, peças da cultura material e imaterial aborígene, mitologia) está em exposição em museus australianos e em outros ao redor do mundo. Dessa expedição resultaram ainda várias publicações. O material etnográfico serviu de base para as teorias elaboradas por Durkheim e Mauss sobre sistemas classificatórios, religião e totemismo, e foi fundamental para a obra *Totem e Tabu*, de Sigmund Freud¹. Servem-nos igualmente de referência a expedição de Cambridge ao estreito de Torres, na qual participaram Haddon, Rivers e Seligman. A pesquisa de Rivers entre os Todda, no ano de 1901, e a pesquisa na Melanésia realizada por Seligman, pois, inauguraram uma nova fase na antropologia, marcada pela pesquisa de campo em contraste e por oposição às pesquisas realizadas pelos antropólogos evolucionistas, considerados vulgarmente de gabinetes.

Entretanto, Franz Boas (1896), nos Estados Unidos, e Bronislaw Malinowski (1922), na Inglaterra, sistematizaram e instituíram os princípios básicos do trabalho de campo, que passou a ser uma das marcas distintivas da disciplina. O trabalho de campo (minucioso, detalhista, intensivo, artesanal, microscópico) passa a ser uma dimensão epistemológica fundamental para a construção das teorias antropológicas. Nesse sentido, “A etnografia propriamente dita só começa a existir a partir do

¹ Disponível em: <<http://spencerandgillen.net/>>. Acesso em: 26 jan. 20015.

momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa” (LAPLANTINE 1988, p. 75). A partir desta inovação nos procedimentos de pesquisa, os trabalhos de coleta direta de dados e de análise são realizados pela mesma pessoa,

A revolução que ocorrerá da nossa disciplina durante o primeiro terço do século XX é considerável: ela põe fim à repartição de tarefas, até então habitualmente divididas entre o observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta – atividade nobre! – essas informações (LAPLANTINE, 1988, p.75).

Sperber (1992) afirma que os antropólogos do século XIX realizaram as atividades de campo com os povos estudados como Boas e Morgan, no entanto, o que é específico à trajetória de Malinowski é o ideal que ele proclama:

Se couper de la société européenne, vivre dans la société indigène sans autre but que d’ apprendre à la connaître, observer la vie sociale en y participant aussi intimement que possible et aussi longtemps que nécessaire, l’étudier sous tous ses aspects, y compris les plus triviaux, en récoltant en toute occasion des données de tout genre, enfin, et surtout, chercher à saisir le point de vue des indigènes, à comprendre leur vision de leur monde (SPERBER, 1992, p. 5).

Etnografia e a Teoria cultural-funcionalista

Nas palavras de Adam Kuper (1973, p. 29), “En los dos años que pasó en las islas Trobriand, en 1915-16 y 1917-18, inventó verdaderamente los métodos modernos de trabajo de campo”. Segundo o autor, Malinowski é considerado o criador do moderno trabalho de campo e sua relevância foi ter imprimido uma característica fundamental à escola britânica: a abordagem empirista². Já segundo Durham (1986), Malinowski inova os procedimentos de pesquisa na antropologia ao praticar uma nova modalidade de trabalho de campo: a etnografia associada à teoria funcional culturalista a partir de uma crítica às escolas evolucionista e difusionista³. Kaplan e Manners (1981) afirmam que as teorias funcionalistas surgiram no contexto do que os respectivos autores denominam de “revolução humanística”, contra o “darwinismo social” ou implicações racistas nas abordagens evolucionistas do século

2 “Pero si hubiera que caracterizar el ánimo de la antropología británica en la primera década de este siglo, habría, que resaltar la fatigosa preocupación por la acumulación de datos. El objetivo último podía seguir siendo la reconstrucción de la historia cultural o la generalización evolucionista, pero estos intereses quedaban oscurecidos por el fuerte renacimiento del empirismo británico” (KUPER, 1973, p. 19).

3 Sobre a noção de Escola em antropologia consultar Cardoso de Oliveira (1988).

XIX. Desse modo, a “revolução humanística” forneceu uma base lógica racional para a ênfase no trabalho de campo. O antropólogo nessa situação é o principal meio do trabalho de campo – ou seja, a produção do conhecimento é realizada via experiência, e o antropólogo é instrumento direto do conhecimento, como afirma Durham (1986). A construção teórica de Malinowski parte do pressuposto da racionalidade do comportamento nativo, à qual o antropólogo ganha acesso a partir da experiência pessoal, o que lhe permite apreender tal cultura como totalidade integrada, coesa e fechada em si mesma. A analogia com o organismo é inspirada no funcionalismo, que tira o seu modelo das ciências da natureza.

O funcionalismo como uma perspectiva histórica em antropologia leva à analogia orgânica – isto é, leva a pensar os sistemas socioculturais como se eles fossem um tipo de ‘organismo’ cujas partes não são só relacionadas umas às outras, mas, ao mesmo tempo, contribuem para a manutenção, estabilidade e para a própria sobrevivência do ‘organismo’. É, então, básica para todas as explicações funcionais a pressuposição, aberta ou implícita, de que todos os sistemas culturais têm certos requisitos funcionais, condições necessárias de existência, ou necessidades (formuladas como necessidades sociais à Radcliffe-Brow ou, em última instância, em termos biológicos individuais, à Malinowski (KAPLAN; MANNERS, 1981, p. 92).

Na teoria funcionalista, segundo o referido autor, a cultura visa satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos. Desse modo, cada cultura elabora instituições econômicas, políticas, jurídicas, educativas, fornecendo respostas coletivas organizadas, que constituem cada uma a seu modo soluções originais que permitem atender a essas necessidades de natureza biológica.

[...] la cultura humana se basa fundamentalmente en las necesidades biológicas del hombre. Siguiendo esta sugerencia, podemos añadir que al satisfacer las necesidades biológicas a través de los medios de la cultura, el hombre impone nuevos determinantes a su comportamiento, es decir, desarrolla nuevas necesidades. En primer lugar, debe organizar sus herramientas, sus artefactos y sus actividades productoras de alimentos mediante la guía del conocimiento. De ahí la magia...Por último, una vez el hombre desarrolla la necesidad de construir sistemas de conocimiento y anticipación, se ve llevado a preguntarse por los orígenes de la humanidad, su destino y los problemas de la vida, de la muerte y el universo. De ahí, como consecuencia directa de la necesidad del hombre de construir un sistema y organizar los conocimientos, emerge también la necesidad de la religión (MALINOWSKI, 1948, p. 202).

No texto “Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação”, na coletânea organizada por Durham (1986), são apresentados os princípios básicos do trabalho de campo: estadia prolongada com a população a ser estudada, imersão na cultura com o aprendizado da língua nativa e conhecimento das teorias antropológicas modernas. Nesse sentido, antes de ir a campo, o pesquisador deve ter um bom treinamento teórico e estar familiarizado com os seus mais recentes resultados. No entanto, suas orientações teóricas não devem servir como “camisa

de força”, em que as evidências empíricas serviriam somente para comprovar a teoria. Malinowski afirma que, se alguém inicia uma expedição disposto a provar determinadas hipóteses, mas não for capaz de modificar e de rejeitar suas perspectivas sob a pressão da evidência, seu trabalho não terá valor científico. Mas quanto mais problemas ele trouxer consigo para o campo, quanto mais estiver habituado a formular as suas hipóteses de acordo com a teoria, tanto mais bem equipado estará para o trabalho. Uma vez no campo, o pesquisador deve elaborar tabelas de termos de parentesco, genealogias, mapas, quadro sinótico, planos e diagramas. Vejamos as observações de Kuper a respeito.

En primer lugar, estaba el esbozo de las instituciones, de las costumbres, que estudió mediante lo que denominó ‘el método de documentación estadística a partir de pruebas concretas’. La finalidad era construir una serie de cuadros sinóticos en los que se registrarán la serie de costumbres, asociadas con actividades concretas. El cuadro resumiría al mismo tiempo los elementos de la actividad e indicaría las relaciones entre sus distintos aspectos (KUPER, 1973, p. 31).

Assim, o primeiro objetivo do estudo etnográfico é apresentar um esquema nítido e claro da constituição social e separar leis e regularidades de todos os fenômenos culturais do que for irrelevante. Além destes procedimentos específicos, o pesquisador deve sempre estar atento às ações e representações nativas, ou seja, confrontar o discurso com a prática. Nesse ponto, o autor nos chama atenção para a necessidade da observação do que ele denomina de *os impoderabilia da vida real*.

Pertencem a essa categoria fatos como a rotina diária de trabalho dos homens, os detalhes de seus cuidados corporais, do modo de comer e preparar alimentos, o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras, a existência de fortes amizades ou de hostilidades, de simpatias e aversões momentâneas entre as pessoas; o modo sutil, mas inegável, pelo qual as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento do indivíduo e nas reações emocionais dos que o cercam (MALINOWSKI, 1986, p. 42).

A terceira classe de dados são narrações, elementos do folclore, expressões típicas que devem ser entendidas como um mapa mental do indígena. Há uma preocupação com o estatuto científico da etnografia, deste modo, há uma etapa de coleta de dados brutos e outra etapa de interpretação. É a interpretação que descobre as leis gerais, distingue o essencial do irrelevante, classifica e ordena os fenômenos, relacionando-os mutuamente. Finalmente, por ocasião da escrita do texto etnográfico, o autor diz que há a necessidade de esclarecer ao leitor as condições nas quais a coleta de dados foi realizada – ou seja, Malinowski afirma que o antropólogo tem que ter a preocupação em apresentar as condições a partir das quais foi produzido o texto etnográfico.

Os procedimentos de campo elencados acima estão associados a uma determinada concepção da natureza humana e também derivam de sua experiência

de trabalho de campo. Para o autor, as pessoas dizem uma coisa, no entanto fazem outra, e o indivíduo, sempre que pode, manipula as regras em proveito próprio. Contudo, as relações entre as regras e as ações devem ser contextualizadas, isto é, compreendidas nos termos de suas respectivas culturas, pois o etnógrafo sempre tem que ter em foco o ponto de vista nativo,

Esta percepción, que sin duda nació en parte durante su experiencia en el trabajo de campo, constituye el sello distintivo de la obra de Malinowski. Las costumbres se adaptan alrededor de las actividades; pero los individuos manipulan las normas para su provecho cuando pueden. Y por último, la comprensión de la regla y de la acción debe colocarse en el contexto de la forma de pensar característica de la cultura, pues el último objetivo que 'el etnógrafo nunca debe perder de vista' es 'aprehender el punto de vista indígena,' su relación con la vida, para hacerse cargo de su visión de su mundo (KUPER, 1973, p. 32).

Nesse sentido, a abordagem empirista, que consiste na observação direta das experiências etnográficas, a atenção aos detalhes, a coleta de dados e a imersão na cultura nativa, envolve procedimentos metodológicos que irão compor um conhecimento antropológico sobre a sociedade (apreendida enquanto totalidade) em foco. Opondo-se e dialogando com a abordagem empirista, autores filiados a Escola Francesa de Sociologia (EFS), de tradição racionalista, conferem outro *status* à etnografia, não tão central, mas de complementaridade na construção de um conhecimento antropológico sobre outros povos.

Etnografia, Etnologia & Antropologia

No capítulo primeiro de *Antropologia Estructural*, Lévi-Strauss define etnografia distinguindo-a de etnologia⁴:

[...] a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (frequentemente escolhidos, por razões teóricas e práticas, mas que não se prendem de modo algum à natureza da pesquisa, entre aqueles que mais diferem do nosso), e visando à reconstrução, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles; ao passo que a etnologia utiliza de modo comparativo (e com finalidade que será preciso determinar em seguida) os documentos apresentados pelo etnógrafo (LÉVI-STRAUSS, 1989a, p. 14).

Lévi-Strauss realça alguns aspectos que definiriam a etnografia, no caso, em relação à etnologia: observação, análise de grupos humanos (os que mais diferem

4 Strauss (1989, p. 34), neste texto publicado originalmente na *Revue de Métaphysique et de Morale*, tem por finalidade discutir as relações entre o método histórico e a etnologia.

do nosso – está posta a diferença pela distância cultural e geográfica) em suas particularidades. Para ele, a etnografia visaria ainda à reconstrução fiel, tanto quanto possível, da vida dos grupos humanos estudados – trata-se do estudo de uma sociedade particular. Lévi-Strauss pensa a etnografia em relação à etnologia definida pelo autor como Antropologia social e cultural. Sendo que a antropologia social consagra-se ao estudo das instituições consideradas como sistemas de representações e a Antropologia cultural se destina ao estudo das técnicas. Neste caso, a etnologia faz uso dos documentos coletados pelo etnógrafo para fins de comparação.

Mais à frente, no capítulo XVII, na secção “Etnografia, Etnologia, Antropologia”, Lévi-Strauss (1989a, p. 394) define e relaciona com mais detalhes etnografia, etnologia e antropologia. Etnografia corresponderia, para o autor, aos primeiros estágios da pesquisa – observação, descrição e trabalho de campo⁵. Como por exemplo, uma monografia que tem por objeto um grupo restrito, ao qual o pesquisador tem acesso por meio de uma experiência pessoal. A etnografia englobaria, ainda, os métodos e as técnicas que se relacionam ao trabalho de campo, como a classificação, descrição e análise dos fenômenos culturais particulares. É relevante observar que, para Lévi-Strauss, a etnografia representa uma etapa preliminar de um estudo e a etnologia, a etapa seguinte, na qual o material coletado pelo etnógrafo seria utilizado para fins de uma análise comparativa, que tenderia para conclusões suficientemente extensas e válidas para todas as sociedades. No capítulo XVII, que integra a mesma coletânea de textos, Lévi-Strauss (1989a) faz uma distinção entre etnologia e Antropologia. Nesse caso, a Antropologia seria uma última etapa de uma mesma pesquisa, na qual seria realizada a síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia: “Etnografia, etnologia e antropologia não constituem três disciplinas diferentes, ou três concepções diferentes dos mesmos estudos. São de fato, três etapas ou três momentos de uma mesma pesquisa” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 396).

Há uma relação de complementaridade entre etnografia, etnologia e Antropologia, na qual os procedimentos etnográficos, num grupo humano em sua particularidade, realizados pela experiência pessoal do etnógrafo ou de outra pessoa, seriam uma etapa preliminar de construção de um conhecimento antropológico, cuja originalidade é o estudo da natureza inconsciente dos fenômenos coletivos (LÉVI-STRAUSS, 1989a, p. 34).

Laplantine (1988, p. 25) diz que, para Lévi-Strauss, a etnografia é a coleta direta, a mais minuciosa possível, dos fenômenos que observamos, por uma impregnação duradoura e contínua, um processo que se realiza por aproximações sucessivas. Esses fenômenos podem ser recolhidos tomando-se notas, mas também por meio de registro sonoro, fotográfico ou cinematográfico. A etnologia consiste em um primeiro nível de abstração: analisando os materiais colhidos, o objetivo do pesquisador é fazer aparecer a lógica específica da sociedade que se estuda. A antropologia, finalmente, consiste em um segundo nível de inteligibilidade: construir

5 Malinowski (1986, p. 32), na nota de rodapé 8, afirma que utiliza a etnografia para os resultados empíricos e descritivos da ciência do homem e a etnologia para as teorias especulativas e comparativas.

modelos que permitam comparar as sociedades entre si. Laplantine afirma que, na perspectiva de Lévi-Strauss, o objetivo da antropologia é “alcançar, além da imagem consciente e sempre diferente que os homens formam de seu dever, um inventário das possibilidades inconscientes, que não existem em número ilimitado” (LAPLANTINE, 1988, p. 25). O acesso aos invariantes (à estrutura inconsciente e atemporal) seria possível por meio do estudo da variabilidade cultural, é nesse momento que entra o trabalho etnográfico⁶. No entanto, não basta ganhar acesso aos invariantes, é preciso, a partir da estrutura inconsciente, elaborar leis gerais válidas para todas as sociedades em qualquer tempo:

É preciso e basta atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e costumes, sob a condição, naturalmente, de estender bastante a análise (LÉVI-STRAUSS, 1989b, p. 37).

Kaplan e Manners (1981) afirmam que a noção de estrutura inspira-se nas teorias e metodologias dos linguistas estruturais, para quem a língua é um sistema simbólico construído arbitrariamente. Segundo os autores,

A maioria dos falantes nativos de uma língua é totalmente inconsciente das regras fonológicas e gramaticais que estão ‘por trás’ dos padrões de fala abertamente expressos, embora eles sejam capazes de usar sua língua como um instrumento de comunicação efetiva e eficientemente. Portanto, se se pode dizer que essas regras têm alguma existência na realidade exterior à mente do lingüista, elas devem, como se afirma, ser de natureza subconsciente. A tarefa do lingüista, então, é formular e tornar explícito aquilo que permanece oculto à visão, e sepultado no inconsciente – i.e., olhar além das manifestações de superfície da expressão lingüística para os princípios estruturais é explicar a língua. Deve-se notar, é claro, que, enquanto alguns lingüistas estão primordialmente interessados em demonstrar que os princípios estruturais básicos variam de língua para língua, outros têm buscado os princípios estruturais universais que subjazem a todos os idiomas. É desses últimos lingüistas que Lévi-Strauss parece ter tirado a sua principal inspiração (KAPLAN; MANNERS, 1981, p. 254).

O objetivo da pesquisa estrutural é explicar o mundo da experiência e apreender a racionalidade básica (KAPLAN; MANNERS, 1981) que opera a partir e percebe o universo em termos de discriminações e oposições binárias: alto e baixo, macho e fêmea, direita e esquerda, guerra e paz. Tais relações binárias estão na base de toda e qualquer cultura, porque expressam o modo como a mente humana opera na dimensão inconsciente. É esta suposta unidade psíquica fundamental que permite

⁶ De acordo com Leach (1968), “[...] Lévi-Strauss está interessado em nada menos do que a estrutura da mente humana, significando ‘estrutura’ não uma articulação que pode ser observada diretamente, mas uma ordenação lógica, um conjunto de equações matemáticas que podem ser demonstradas como equivalentes funcionalmente (como um modelo) ao fenômeno em discussão.”

ao estruturalismo elaborar leis gerais válidas para todas as sociedades em todos os tempos, e o acesso à estrutura inconsciente seria possível mediante a observação etnográfica dos sistemas econômicos, sistemas de parentesco, mitologia, magia e rituais⁷. Portanto, na antropologia estruturalista formulada por Lévi-Strauss, a definição de etnografia, em relação à etnologia e à própria antropologia como etapas complementares de uma mesma pesquisa, está informada por um marco teórico, o estruturalismo. Importante não esquecer que a estadia de Lévi-Strauss no Brasil, em meados da década de 1930, na Universidade de São Paulo, na condição de docente, bem como sua aproximação etnográfica de grupos indígenas na região central, foi fundamental para sua teoria sobre o parentesco. A experiência do autor foi narrada em *Tristes Trópicos*.

Etnografia & Descrição Densa

No primeiro capítulo do livro *A interpretação das Culturas*, Clifford Geertz lança a seguinte indagação: em que medida a prática etnográfica é uma interpretação? O autor define etnografia como a prática de uma descrição densa a partir de um determinado suposto teórico: a teoria interpretativa da cultura, e esta é definida como essencialmente *semiótica*⁸. Para o autor, a cultura seria um contexto – algo dentro do qual os acontecimentos, as instituições, os comportamentos e os processos podem ser descritos com densidade.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

A crítica teórica e epistemológica relativa ao conceito de cultura refere-se ao suposto cientificista subjacente, que reivindica para a antropologia o *status* de uma ciência que toma por objetivo a busca de leis e regularidades. Segundo o autor, a antropologia também é uma ciência, porém uma ciência interpretativa. A ciência interpretativa teria como objetivo apreender os significados, as estruturas significantes que tornam inteligíveis e/ou informam os atos dos sujeitos, sendo assim,

O estudo da cultura, no ponto de vista de Geertz, é uma atividade mais afim com a interpretação de um texto do que com a classificação da flora e da fauna. Ela requer não tanto a atitude de um analista que busca classificar e quantificar quanto

7 Para uma crítica à teoria estruturalista, ver Kaplan e Manners (1981), capítulo 4.

8 “Geertz’s basic premise for a different anthropology, and hence a different social science, begins with a reconsideration of the concept of culture [...] It is this concept of culture that is, for Geertz, the key to the analysis of cultures, each of which has its own unique configuration” (SHANKMAN, 1984, p. 261).

a sensibilidade de um intérprete que busca discernir os padrões de significado, discriminar entre gradações de sentido e tornar inteligível uma forma de vida que é já significativa para aqueles que a vivem (THOMPSON, 1990, p. 176).

Nesse sentido, a etnografia não se define como um método de pesquisa, mas, segundo o autor, a partir do esforço intelectual envolvido no exercício etnográfico. Nessa perspectiva, a noção de descrição densa envolve, além das tarefas de campo (coleta de dados, observação, entrevistas), um modo específico de apreender o objeto de estudo e uma forma específica de produção de conhecimento antropológico.

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa', tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle (GEERTZ, 1989, p. 15).

Assim, a tarefa do antropólogo é apreender as estruturas de significados que tornam inteligíveis os comportamentos, as instituições e os processos. Ganhar acesso às estruturas conceituais dos sujeitos envolve considerar na descrição as interpretações: "a fórmula que eles usam para definir o que lhes acontece".

Todavia, como no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto – isto é, começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las –, a linha entre a cultura (marroquina) como um fato natural e cultura (marroquina) como entidade teórica tende a ser obscurecida [...] Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um 'nativo' faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura (GEERTZ, 1989, p. 25).

Em seu artigo, intitulado "Desde el punto de vista del nativo. Sobre la naturaleza del conocimiento antropológico", Geertz (1994) nos explica com mais detalhes o que significa o ponto de vista nativo. Para nos explicar a noção de ponto de vista nativo, ele recorre à noção do círculo hermenêutico de Dilthey:

Del mismo modo, cuando un etnógrafo del tipo 'significados y símbolos' (tipo al que me adscribo) intenta averiguar lo que un puñado de nativos piensa que es una persona, se mueve de un lado al outro preguntando-se: 'Cuál es la forma general de su vida?' y 'qué son exactamente los vehículos en los que se encarna

esa forma?', desembocando a su vez en el extremo de una especie de espiral similar, pertrechado con la noción de que ellos ven el self, como un compuesto, como una persona, o como un punto en mosaico. No se puede saber qué es lek si no se conoce el dramatismo balinés, del mismo modo que no se puede saber que són los guantes de un receptor si no se sabe qué es el béisbol (GEERTZ, 1994, p. 79-90).

Como vimos acima, apreender o ponto de vista nativo sobre algo sempre supõe interpretações de interpretações, uma vez que é impossível tornar-se nativo, pois somente o nativo tem acesso à sua cultura “por dentro”, e também pressupõe o conhecimento da cultura e do contexto⁹. Nesse sentido, a etnografia nunca é conclusiva, sempre inacabada e descreve uma visão parcial dos fenômenos que se estuda.

Problematizando o suposto hermenêutico da referida teoria, Kaplan e Manners (1981, p. 268 e 276) apresentam a indagação “que objetivo teórico está por trás da tentativa de se reproduzir a realidade cultural, a partir do ponto de vista nativo?” como uma tendência da nova etnografia. As categorias nativas são altamente contextualizadas, enquanto as categorias formuladas na academia referem-se à classe de fenômenos, tipos de situação, tipos culturais, que transcendem um ambiente cultural particular. Os respectivos autores afirmam que não há abordagem *emic* sem a *etic*, porque, quando o antropólogo formula conceitos nativos, ele os readapta aos seus objetivos teóricos, e, no processo, ele ‘eticiza’ tais conceitos. Por outro lado, os autores afirmam que as categorias nativas são designadas para manter as pessoas funcionando na cultura, pois, na maioria, elas são, como a língua que um povo usa, aceitas e usadas irrefletidamente. As categorias dos antropólogos como antropólogos são designadas para outro fim; elas não são destinadas a reproduzir a ‘realidade cultural’, mas a mantê-la compreensível numa estrutura comparativa.

Além disso, as categorias empregadas pelo antropólogo estão sujeitas a uma constante revisão e avaliação crítica de uma forma que é normalmente verdadeira para as categorias cognitivas utilizadas nas atividades diárias de uma pessoa. Assim sendo, o objetivo pelo qual a pesquisa e a descrição são feitas irá determinar se uma narrativa etnográfica está baseada em ‘categorias nativas’ (termos *emic*), nas categorias do antropólogo (termos *etic*) ou, como é quase sempre, em alguma combinação dos dois (KAPLAN; MANNERS, 1981, p. 276).

Shankman (1984), a partir de outro ângulo, aponta as limitações da teoria interpretativa – limitações em relação aos próprios objetivos da respectiva teoria e ao papel da objetividade. O autor afirma que há limitações em relação às possibilidades de generalização, predição, verificação, replicação e à cumulatividade do conhecimento antropológico, o que, em última instância, tem a ver com a

⁹ Jacobson (1991) afirma que toda etnografia envolve a interpretação, análise e descrição, sendo que esses três procedimentos nem sempre significam a mesma coisa.

formação de teorias antropológicas. Pois, uma vez que as descrições densas retratam culturas e cada cultura é única, fica impedida, deste modo, a generalização e a réplica. Nesse sentido, quando Geertz fala sobre a natureza da teoria interpretativa, ele está mais interessado em possibilidades do que em tangibilidade (SHANKMAN, 1984). Segundo Shankman, Geertz é ambíguo e pouco claro em vários aspectos. Por exemplo, não ficam claras as reais diferenças entre uma ciência e uma ciência interpretativa e não fica clara, também, a distinção realizada entre objetividade e subjetividade, conseqüentemente não é claro o *status* ontológico do conhecimento que se origina do exercício da interpretação cultural,

The loose equation of description with analysis, analysis with explanation, explanation with description, and theory with all of these does not offer a refinement of debate based on 'the precision of distinctions' that Geertz promises [...] At the same time, he offers no clarification of the ontological status of knowledge gained in the exercise of cultural interpretation, regarding this issue as unimportant (SHANKMAN, 1984, p. 264).

Considerações finais

Após o processo de descolonização, por volta das décadas de 1950 e 1960, justamente quando Geertz, pupilo de Margareth Mead, inicia suas incursões etnográficas no Marrocos e na Indonésia (ex-colônias)¹⁰, há uma mudança na cena antropológica.

El fin del colonialismo alteró radicalmente la naturaleza de las relaciones sociales entre los que preguntan y miran y aquellos que son preguntados y mirados [...] La transformación, en parte jurídica, en parte ideológica y en parte real, de las gentes de las que principalmente suelen ocuparse los antropólogos, desde su antiguo estatus de súbditos coloniales al actual de ciudadanos soberanos, ha alterado por completo el contexto moral en el que el acto etnográfico tiene lugar [...] En verdad, el derecho mismo a escribir – a escribir etnografía – parece estar hoy en peligro. La entrada de los pueblos en otro tiempo colonizados o marginados (portando sus propias máscaras, recitando sus propios textos) en la escena global de la economía, de la alta política internacional y de la cultura mundial ha hecho que la pretensión del antropólogo de convertirse en tribuna de los marginados, representante de los invisibles, valedor de los tergiversados, resulte cada vez más difícil de sostener (GEERTZ, 1989, p. 143).

Esta mudança política e jurídica de cenário, com sérias implicações nas relações entre antropólogos e “nativos”, torna-se a matriz de um debate interno

¹⁰ O primeiro contato de Geertz com a antropologia ocorre no ano de 1949, após um contato inicial com Margareth Mead, quando foi admitido, junto com a esposa, em um curso de pós-graduação em Harvard, no departamento de Relações Sociais criado por Parsons no ano de 1946.

à disciplina sobre uma suposta crise. Clifford e Marcus (1986), historiadores da disciplina, referem-se à crise da autoridade nas etnografias denominadas de clássicas ou de gênero realista¹¹. As etnografias classificadas por Marcus e Cushman (1982) como realistas emergem a partir de dois movimentos: a formação e institucionalização da Antropologia como disciplina acadêmica e a formação de profissionais antropólogos para realizarem trabalhos de campo filiados à tradição anglo-americana. O que marca a convenção de gênero realista em antropologia é uma determinada escrita etnográfica, que visa reconstituir a totalidade da cultura e da sociedade a partir de um aspecto que a compõe, a exemplo do Kula¹². A autoridade do texto etnográfico deriva do fato de o autor ter vivido, por um determinado tempo, a cultura estudada, ou seja, ter experimentado um contato íntimo com os povos estudados, o que lhe permitiu testemunhar pessoalmente aquela cultura. Este enfoque epistemológico e o exercício etnográfico transferido ao texto etnográfico resultam na presença de uma autoria (CLIFFORD, 2002)¹³. Contudo, o que se questiona exatamente?

Questiona-se a autoridade e autoria dos escritos etnográficos, questionam-se as explicações totalizantes e o discurso cientificista que caracterizam as etnografias clássicas, e, principalmente, as relações de poder implícitas no exercício etnográfico, que refletem relações de poder assimétricas estabelecidas entre países colonizadores e seus antropólogos, conceitos e teorias e países colonizados. E mais, Clifford (1986) anuncia que uma nova figura está emergindo na cena etnográfica: o etnógrafo indígena: “Different rules of the game for ethnography are now emerging in many parts of the world [...] A new figure has entered the scene, the ‘indigenous ethnographer’. Insiders studying their own cultures offer new angles of vision and depths on understanding.” (CLIFFORD, 1986, p. 9). Para expressar tais relações de poder, historicamente constituídas, entre teoria antropológica e empresa colonial, e teoria antropológica e formação das nações, Stocking Jr. (1982) utiliza o termo antropologias de construção de impérios (anglo-saxãs) e antropologias de construção da nação (Brasil e México, dentre outras)¹⁴. Nesses casos, tanto o conceito de cultura baseado na teoria relativista como o conceito de *assimilação* – que informam tanto o exercício etnográfico como intervenções políticas, ambos formulados no seio da antropologia norte-americana – são exemplares. O primeiro inspirou o *apartheid*

11 Realismo é uma *convenção de gênero* em literatura emprestada da concepção da ficção literária do século XIX.

12 “We would stress the point that it was through the conjunction of these conventions within particular works that traditional ethnography managed to project that distinctive illusion of holism – that notion of creating a sense of a whole world – which, as we noted earlier, is the most basic characteristic of realist writing” (MARCUS; CUSHMAN, 1982, p. 30).

13 Este é um debate que abrange o conjunto das Ciências Sociais e está ligado à emergência das tendências denominadas de pós-modernas e da reflexividade do conhecimento. A esse respeito, os livros de Harvey, *A condição pós-moderna* (1989), e de Giddens (1997), *Modernização reflexiva*, constituem, a meu ver, boas referências sobre o debate.

14 Edward Said (2007), em *Orientalismo*, utiliza o termo “ciências coloniais”.

sul africano (KUPER, 2002), e o segundo, as políticas indigenistas no Brasil e no México. O conceito de assimilação nos parece que foi superado, enquanto que o de tradição e identidade foram atualizados¹⁵. No caso mexicano, podemos observar, no sentido etnográfico, as vidas dos camponeses de ascendência Maya, neste final de milênio, que se encerram em suas tradições, usos e costumes (WARMAN, 2003) como forma de preservar suas identidades e economias nas montanhas do Sudeste mexicano. Lá, disputam seus territórios ancestrais com antropólogos e suas etnografias e teorias, grupos paramilitares, organizações não governamentais de países do Norte, redes de narcotraficantes e grupos zapatistas (EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL, 2015) que defendem a autonomia indígena, ou seja, esta potência cósmica que possibilita a grupos indígenas (tzoziles, tzeltales e lacandones) determinar seus próprios destinos (GONÇALVES, 2015). Espero que tanto a teoria como a etnografia possam contribuir nesse processo de autodeterminação.

Referências

- CLIFFORD, James; MARCUS, George (ed.). *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*. California: University of California Press, 1986.
- _____. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002.
- EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL - EZLN. **El pensamiento crítico frente a la Hidra Capitalista I**. Participación de la Comisión Sexta del ENLZ. 2015.
- GEERTZ, Clifford. “Desde el punto de vista del nativo”: sobre la naturaleza del conocimiento antropológico. In: **Conocimiento local**. Ensayos sobre la interpretación de las culturas. Barcelona: Paidós, 1994.
- GIDDENS, Anthony et al. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
- GONÇALVES, Alicia; GUSSI, Alcides. Visões sobre o desenvolvimento e as Políticas Públicas: os dilemas entre universalismo e particularismos. In: CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO - CODE, Brasília, 2011. *Anais...* Brasília: Ipea, 2011.
- GONÇALVES, Alicia. **Cosmovisões e Agroecologia**. Reciprocidade, Mercado e Territorialidade no Nordeste brasileiro e Sudeste mexicano. Projeto de Pós Doutorado. Ciesas – Sureste. Estágio Sênior, Capes, 2015. Processo nº 99999.000020/2015-00.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.
- JACOBSON, David. **Reading Ethnography**. New York: State University of New York Press, 1991.
- KAPLAN, David; MANNERS, Robert. **Teoria da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- KUPER, Adam. **Antropólogos e antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1973.
- _____. **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

15 Sobre tensões em torno do conceito de identidade entre universalismo e particularismo, ver Gonçalves e Gussi (2011).

- LEACH, Edmund. **As idéias de Levi-Strauss**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução: História e Etnologia. In: **Antropologia Estrutural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989a. p. 13-41.
- _____. A noção de estrutura em etnologia. In: **Antropologia Estrutural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989b. p. 313-360
- MALINOWSKI, Bronislaw. O nativo em “carne e osso”. In: DURHAM, Eunice (org). **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 55)
- MARCUS, George; CUSHMAN, Dick. Ethnographies as texts. **Annual Review of Anthropology**, California, v. 11, p. 25-69, 1982.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SHANKMAN, Paul. The thick and thin: On the interpretative theoretical program of Clifford Geertz. **Current Anthropology**, v. 25, n. 3, p. 261-280, jun. 1984.
- SPERBER, Dan. **O saber dos antropólogos**. Lisboa: Ed. 70, 1992.
- STOCKING JR., George. Afterword: a view from the center. **Ethnos**, v. 47, n. 1-2, p. 172-186, 1982.
- THOMPSON. John B. **Ideologia e cultura moderna**. São Paulo: Vozes, 1990.
- WARMAN, Arturo. **Los indios mexicanos en el umbral del milenio**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

Recebido em 17/03/2015

Aceito em 15/04/2016